

O MÉTODO QUALITATIVO : usos e perspectivas

Aspásia Camargo

Apresentado na Sociedade
Mesa Redonda : Análise
Quantitativa, Análise
Qualitativa e Avanços
Teóricos. Sociedade Bra-
sileira de Sociologia -
(SBS) Brasília, 10 de ju-
lho de 1987.

1 - A ESFRISOFENIA METODOLÓGICA

Não é por casualidade que, em uma reunião importante como essa, que marca o retorno dos sociólogos brasileiros às discussões, gerais sobre o estado geral da sociologia e sobre os seus problemas mais prementes, que o centro do debate gravite em torno de duas questões maiores: a abordagem inter-disciplinar e o confronto mesmo amigável, entre o método quantitativo e o método qualitativo. Ambos os temas refletem a relativa precariedade de nossa disciplina - ou sua excessiva abrangência - um mal que provavelmente herdamos do pai-fundador Auguste Comte. De fato, tendo tido desde os seus primórdios a pretensão de ser a mãe de todas as ciências, não é de surpreender que a sociologia tenha chegado a este ponto: em primeiro lugar, a busca de sua própria identidade, procurando abrigo no diálogo ou na diluição com as disciplinas-irmãs: a Antropologia, a Economia ou a História, para não falar em outras combinações possíveis; em segundo lugar, a reavaliação do clássico confronto entre o método qualitativo e o quantitativo, que em realidade significa uma fratura interna grave, uma vez que o pesquisador parece ser submetido segundo a lógica do confronto, a um penoso dilema: operar com rigor para obter resultados duvidosos, ou, ao contrário, abusar da imaginação em detrimento de regras padronizadas, verificáveis de trabalho científico. Em suma, o que está por trás de tão acirradas polêmicas é algo que definiríamos como "a esquisofrenia constitutiva" da disciplina, que obriga de imediato o pesquisador a escolhas radicais dentro de seu próprio campo.⁽¹⁾ A consequência que podemos tirar deste estado de coisas é a constatação inquietante de que, na sociologia, as diferenças internas ao campo são de tal ordem que permitem frequentemente aproximações maiores com as disciplinas vizinhas do que com as correntes diversas que a instituem a própria sociologia.

O que é exatamente ser sociólogo? Esta é uma questão embaraçosa que nos fazemos desde os primeiros anos de formação e que continuamos a formular na maturidade, como ocorre no debate de hoje. A questão se resume na dificuldade de definição de um objeto próprio estudado a partir de métodos e técnicas correspondentes que unifique o campo do conhecimento e que possibilite a acumulação

(1) CAMARGO, Aspásia - "Os Usos da História Oral e da História de Vida", Dados, vol 27, nº 1, 1984.

do saber específico, independentemente das diferenças ideológicas, de enfoque, temáticas. Esta disjunção, típica da sociologia certamente não ocorre com a mesma dramaticidade em áreas vizinhas como a Antropologia ou a História.

Outro problema central é o que chamaríamos "o pecado original de Comte" que induziu a disciplina a uma excessiva generalidade, e à busca de leis dentro do mais estrito modelo positivista, segundo a tão discutida idéia de que o modelo das ciências humanas se que os mesmos paradigmas que o modelo das ciências exatas. A aplicação ipsis-litteris deste pressuposto acabou levando à idéia-força, comum às ciências da natureza, de que só se deve investigar aquilo que é comprovável, em detrimento das indagações genérica ou do ensaio crítico. Se isto representou um avanço sob muitos aspectos, - estimulando, por exemplo, a profissionalização - conduziu, por outro lado a uma situação paradoxal e invicta, apontada por Zetterberg⁽²⁾ que consiste em privilegiar as formas de verificação, mesmo que os resultados obtidos sejam irrelevantes. Este é o balanço que podemos fazer da maioria da produção sociológica do após guerra nos Estados Unidos, obcecada pelos processos de prova, mas pouco atenta à abrangência das conclusões resultantes de tão refinados métodos.⁽³⁾ De certa forma, o mérito de Robert Merton foi o de propor uma saída honrada para o impasse, que ele designou como "teorias de alcance mérito", a rigor situadas entre o empirismo metodológica mais radical de um Lazarsfeld e a "grande teoria" de um Sorokin. Mesmo assim, o funcionalismo não deixou de ser uma abordagem entre outras sujeita como as demais à continuadas críticas. O impasse teórico - metodológico por sua vez, repercutiu sobre as normas e procedimentos de pesquisa, seja aproximando este ou aquele sociólogo desta ou daquela disciplina vizinha, seja condenando-o às imposições de seus próprios - o marxismo, o funcionalismo, o estruturalismo, as pesquisas de survey - completamente desconectadas umas das outras.

No Brasil, o resultado de tantas insolúveis controvérsias foi, de certa forma, a paralisia da reflexão teórica propriamente dita, e a proliferação do que chamaríamos de "etnografia sociológica" que consiste em reduzir os problemas ao ritualismo temático, de cunho puramente descritivo.

(2) Zetterberg, Hans - On Theory and Verification in Sociology. New Jersey, The Bedminster Press, 1965.

(3) Zetterberg, op.cit., enumera com ingenuidade uma ampla lista de verificações, segundo ele comprovadas, e que atestam o desenvolvimento cumulativo da sociologia. Para sociólogos brasileiros, ou não-saxônicos, tais contatações parecem, no mínimo, surpreendentes, considerando sobretudo o baixo nível de abstração das proposições enumeradas.

É nesta linha de perplexidade que situamos o velho debate entre o método qualitativo e o método quantitativo, que em sua oposição essencial não nos parece pertinente. Por que razão ter que dramaticamente escolher - como um dado prévio - entre a imaginação e o rigor ou, ao contrário, entre o subjetivismo das impressões e a limitada precisão dos resultados? Sem dúvida alguma, foi assim que a questão se colocou - e ainda se coloca - para a comunidade de sociólogos e, o que é mais grave, para os iniciantes que, talvez inadvertidamente optaram pela disciplina. Como ponto de partida, parece ainda difícil aceitar - como o fazem Jeffrey Alexander e Daniel Bertaux -⁽⁴⁾ que a história da sociologia demonstra a coexistência entre paradigmas diversos, cada qual reservando para si uma dimensão relevante da realidade social, expressa por exemplo, nas notórias contribuições de pensadores tão diversos quanto Durkheim, Marx e Weber.

A história das duas linhagens metodológicas, a quantitativa e a qualitativa, segue de modo geral o determinismo das oposições irreduzíveis que devemos hoje definitivamente superar. Nesta mesa, cabe a Amaury de Souza "defender" o método quantitativo e suas importantes aquisições recentes. Devemos, por outro lado, mais com a intensão da complementaridade do que de oposição, "defenda" a dimensão qualitativa, certos de que estas duas instâncias poderão, para o bem de todos, caminhar juntas, segundo a oportunidade e a conveniência de uma e de outra. No entanto, não dá nesta visão complementar nenhuma novidade, uma vez que nossos pais - fundadora - Le Play, Charles Booth, - para não falar em Marx ou Durkheim o fizeram com invejável competência, unificando procedimentos que, posteriormente, preferimos exacerbar.

De fato, se reconstituímos a história do método qualitativo, verificamos que a tendência se firmou inicialmente em quase simbiose com a Antropologia, especial através da Escola de Chicago dos anos 20-30, para a seguir ser "derrotada" pelo empirismo do pós guerra, e, mais recentemente, ganhar nova visibilidade sob os escombros de um empirismo radical que, em países como o Brasil, frutificou como paradigma nem legemômico, nem uma legitimidade esperada. No entanto, é de notar que as ideologias jusrificativas da superioridade do qualitativo sobre o quantitativo basearam-se também em pressupostos discutíveis, qual seja, na afirmação de que é preciso revalorizar a "subjetividade" no confronto com o "objetivismo positivista" a partir da afirmação, implícita ou explícita, de que é mais importante "compreender de dentro" os processos sociais, mesmo

(4) Jeffrey Alexander, "O Novo Movimento Teórico", Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 2, nº 4, junho de 1987; e Daniel Bertaux, na apresentação, introdução e artigos do Biography and Society, Beverly Hills, Ed Sage, 1981.

com pouco rigor, do que reconstituir superficialmente comportamentos coletivos cujo sentido exato permanece inacessível. A ênfase na subjetividade, que data de Zsnaniecki,⁽⁵⁾ confirmou muitas vezes a abordagem qualitativa - especialmente o método de história de vida - a uma posição menor no campo do debate sobre a objetividade científica, relegando a "vigilância epistemologica" recomendada por Bachalond e Bourcheu e condenando seus seguidores a uma espécie de posição marginal, de protesto irracionalista.

De nossa parte, estamos convencidos que a preocupação com a objetividade não pode ser ainda excluída do debate sociológico e que o importa é demonstrar de que maneira, e por que caminhos, podemos a partir de observações numericamente limitadas, abrir caminho para a compreensão de comportamentos recorrentes e padrões estruturais repetitivos estes exigem necessariamente critérios de objetividade que poderíamos, com as devidas qualificações, chamar de "científicas".

2 - AS VANTAGENS DO MÉTODO QUALITATIVO

Devemos considerar como parte integrante do "método qualitativo" uma ampla gama de procedimentos que vão desde as fronteiras da antropologia e da etnografia, passando pela etno-metodologia, a hermenêutica, e diversas modalidades de estruturalismo, para chegar ao outro extremo, às análises históricas comparadas, ao método de história de vida e às técnicas recentes de História Oral. Tendo em vista a extrema diversidade de procedimentos possíveis, pretendemos basear as observações que se seguem em nossa experiência concreta, que consistiu em combinar, com alguns ganhos substantivos, a técnica de História Oral, originária da disciplina histórica, ao método sócio-antropológico de História de vida.

A primeira vantagem que caberia atribuir ao método qualitativo tem a ver com os condicionamentos sociais que moldam o próprio campo da produção científica, sujeito como os demais, aos monopólios do saber, aos modismos e à hegemonia circunstancial das escolas que inibem muitas vezes a inventividade e a competição salutar dentro da comunidade acadêmica. Procedimentos qualitativos, sob

(5) Thomas, W.I Zsnaniecki F, The Polish Peasant in Europe and America (1918-1920).

essa ótica, oferecem ao pesquisador mais possibilidade de inovar por conta própria - menos escravo dos grandes financiamentos oficiais e das ideologias científicas - ou de experimentar com algum sucesso linhas alternativas de investigação, em função de sua relativa autonomia.

Nesta mesma linha, podemos acrescentar que, como tantas vezes foi dito, o método qualitativo, baseado em pequenas amostras estatisticamente irrelevantes mas cuidadosamente observadas permitem, como o reconheceu em seu balanço crítico sobre o método⁽⁶⁾ de história de vida, que experimentações limitadas funcionem como instrumentos geradores de hipóteses, que poderão ser futuramente estendidas a amostragens controladas. Isto a partir de um núcleo de reflexões teoricamente mais consistentes, e mais apoiadas na compreensão e na intimidade com o universo estudado. Evita-se assim o risco frequente de ignorar condicionamentos ou feixes de variáveis importantes que interferem no comportamento dos indivíduos ou de uma comunidade dada e, como corolário, aumentam as chances de que se concentre posteriormente a atenção nos fenômenos de maior importância e significado. Generalizando um pouco mais, podemos dizer que se aplica desta forma o princípio salutar da "triangulação", que consistiria em combinar métodos da mesma maneira que se podem acumular dados convergentes, obtidos a partir de fontes diversas.⁽⁷⁾

Além de servir como método exploratório para definir hipóteses pertinentes; e de ser menos custoso, mais artesanal, possibilitando maior autonomia ao pesquisador diante dos aparelhos científicos, nem sempre orientados na melhor direção e para os melhores alvos, cabe também uma observação mais radical: em princípio podemos partir do pressuposto que as relações sociais obedecem a regras estruturais recorrentes, e que a observação de um pequeno universo concede ao pesquisador a possibilidade de reconstituir em ponto menor processos que se generalizam a nível mais amplo em um universo determinado. A constatação será tanto mais procedente se considerarmos que não se trata, no caso, de lidar pura e simplesmente com relações de causa e efeito - constituídas de variáveis limitadas-mas, de reconstituir situações globais, contextos pertinentes que podem

(6) BLUMER, Herbert - An Appraisal of Thomas and Znaniecki's *The Polish Peasant in Europe and America*, Transaction, 1979.

(7) DENTZIN, Norman - The Research Act, A Theoretical Introduction to Sociological Methods. New York, Mc Graw Hill, 1978.

tornar mais compreensíveis os comportamentos observados. Neste caso, o ganho maior reside na consistência do que se descobre ou do que se descreve, tornando inteligíveis processos que, de outra forma, permaneceriam obscuros, mesmo sendo rigorosamente verificados. A conclusão a que pretendemos chegar é muito simples: o método qualitativo revela-se particularmente eficaz em áreas exploratórias, especialmente em campos temáticos onde inexitem fontes de informação acessíveis e organizadas, este é o caso de áreas de documentação escassa, como a História Política e a Sociologia Histórica no contexto, por exemplo, continente latino-americano, o mesmo ocorre com os movimentos e organizações populares. Histórias de vida, registradas pelo gravador, são úteis em zonas de grande opacidade como ocorre na área das elites políticas, onde o segredo predomina em inúmeras decisões estratégicas, e onde, grupos fechados, de alta interação e de difícil acesso exigem do pesquisador especial habilidade em penetrar no universo estudado, a partir procedimentos bem mais delicados, e mais sutis do que o questionário padronizado.

Da mesma forma, fenômenos ligados ao comportamento desviante e à criminalidade requerem posturas idênticas, solicitando do pesquisador a utilização de técnicas de cumplicidade sem as quais seria impossível levar a bom termo pesquisar sistemáticas. Não é por casualidade que histórias de vida foram a tônica dos investigadores da Escola de Chicago que, nas décadas de 20 e de 30 mergulharam no sub-mundo da grande metrópole, para dele extrair conhecimentos mais precisos sobre as formas de convivência social de interação e levavam ao desvio e ao crime organizado. Finalmente, histórias de vida e métodos qualitativos em geral podem ser indispensáveis para compreender fenômenos que se manifestam em longos intervalos de tempo - como seria o caso de trajetórias de mobilidade social ou de mudanças geracionais - ou ainda em manifestações sociais de maior abrangência, que impossibilitam a coleta exaustiva de dados padronizados.

3 - A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR: História Oral e História de Vida

O método de história de vida, empregado por antropólogos e sociólogos desde o início do século, e a técnica de História Oral, introduzida pelos historiadores no após guerra, contituem um bom exemplo de como a utilização inter-disciplinar de métodos qualitati

vos permite ao pesquisador obter ganhos importantes em suas atividades de pesquisa. Apesar de diferentes origens e propósitos, ambos têm um ponto comum: utilizam a entrevista, e portanto o discurso do ator, como meio de reconstituir a realidade social através da experiência vivida.

Há uma ampla modalidade de usos possíveis do método de história de vida, que foi igualmente utilizado tanto pela Antropologia quanto pela Sociologia. Muitas vezes confundido com "documentos pessoais", o procedimento consiste em reconstituir processos sociais mais amplos dentro dos quais o indivíduo está inserido. Em artigo recente⁽⁸⁾ analisamos os múltiplos tratamentos possíveis obtidos a partir deste método, que vai da clássica biografia e autobiografia, passando pela entrevista até chegar a análises mais sofisticadas a partir das quais a história do indivíduo se dilui. Outra linha de variantes decorre do número de histórias de vida que compõem o enfoque abordado (uma ou muitas histórias de vida) ou ainda de parcela da vida individual escolhida como objeto da investigação: num extremo podemos escolher um tipo de experiência limitado dentro do ciclo de vida e com a temática selecionada - (processos de socialização, experiências específicas) que correspondem a cortes no tempo, e no outro temos trajetórias completas que vão da infância à velhice. Experiências como a emigração, mobilidade social e profissional e diferenças geracionais seriam exemplos do primeiro caso, enquanto trajetórias sociais completas seriam exemplos do segundo. Finalmente, quanto aos dados utilizados, podem ser obtidos de fontes diversas: entrevistas, diários, documentos pessoais, fichas oficiais de origem criminal, médica ou burocrática permitem, sob diferentes modalidades a utilização do método. Pesquisas recentes demonstram que a trajetória individual pode ser reduzida também a tratamento estatístico, segundo procedimentos oriundos do método quantitativo.

Até muito recentemente, a forma usual de recolher estes dados era a entrevista, reconstituída através das anotações do pesquisador. Neste particular, a introdução do gravador representou uma inovação importante, na medida em que autonomizou o discurso do autor - tradicionalmente ligado à reconstituição apenas tópica do pesquisador.

(8) CAMARGO, Aspásia et. al. "Histórias de Vida na América Latina" Boletim Informativo Bibliográfico, (BIB), 1984.

1 - LEGITIMIDADE E ILEGITIMIDADE DA HISTÓRIA ORAL

Embora tão velha quanto a própria História, pois foi utilizada por Heródoto, o pai da História, a tradição oral caiu em descrédito na vaga historicista-positivista do século XIX, que consagrou cada vez mais as fontes escritas, baseadas em fatos objetivamente verificáveis pelos demais historiadores. A partir daí, a tradição oral passou a se confundir com a credence popular, com as lendas e as versões incongruentes e o historiador dela se afastou assumindo o seu papel de frio e distante juiz dos fatos.⁽¹⁾

Com o tempo, e com o avanço de outras disciplinas sociais como a Antropologia, a Semiótica e a Linguística, ficou patente que o discurso do ator social tem uma lógica própria e se estrutura "como linguagem", podendo permitir a compreensão de fenômenos sociais que escapam à observação fria e distante do historiador; e que é do corpo-a-corpo com as crenças e ideologias de um grupo, através da cumplicidade controlada, que melhor se entende o funcionamento das instituições e da vida social.

Infelizmente, porém, a disciplina histórica, especialmente na América Latina, não absorveu ainda estas novas tendências, que a obrigam a interagir com outras disciplinas. O temor, quem sabe, de perder a identidade leva-a a permanecer avessa à "subjetividade" e às temíveis deturpações do discurso oral. Embora pesquisadores de diferentes origens utilizem individualmente entrevistas gravadas para a coleta de dados, persiste a crítica quanto à utilidade e ao sentido da História Oral. Este preconceito tem sido agravado por um vício de origem que confunde a História Oral com o empirismo ingênuo que presidiu a sua criação nos Estados Unidos. De fato, a entrevista gravada tem sido utilizada como se fosse o registro mágico-pronto, acabado, definitivo - do processo histórico, como se a verdade pudesse estar contida em um acúmulo caótico de rolos e fitas gravados imprecisamente, sem o rigor da pesquisa de campo. Esta tendência metodológica, que impregnou a História Oral durante décadas, tem despertado resistências na comunidade acadêmica latino-americana, dificultando, sem dúvida, uma discussão mais profunda dos verdadeiros e inquietantes problemas que se reintroduzem com a revalorização das fontes orais em diversas partes do mundo.

Não resta dúvida que o aparecimento do gravador deu às fontes orais um novo status, aumentando sua credibilidade, uma vez que o registro gravado permite a reprodução fidedigna do discurso

(1) Paul Thompaon - The Voice of the Past, Oral History, Oxford, Londres, Oxford University Press, 1978.

do autor. Eliminou-se, assim, a duvidosa "tradução" do pesquisador, através de suas notas de pesquisa, tornando possível a verificação tão almejada pelos historiadores do século XIX. Caducaram, por conseguinte, as principais resistências ao discurso oral e a fidejgnidade da fonte em si mesma ficou garantida pelo que chamamos hoje de História Oral.

O segundo passo importante foi o de converter uma técnica de potencialidade e valor indiscutíveis - mas de utilização ainda imprecisa - em uma fonte histórica equiparável à fonte escrita. Esta etapa realizou-se fora do embrião inicial que criou e consagrou a técnica nos Estados Unidos, e seus agentes foram os historiadores europeus, mais identificados com um approach de pesquisa interdisciplinar e com a corrente de história social que tem marcado a contriuição do continente. Este corrente encontrou simpatia tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, embora nas universidades brasileiras se continue a duvidar da legitimidade tanto da fonte oral quanto da técnica.

A História Oral, nessa passagem de técnica a fonte deve muito aos que apontaram distinções e semelhanças entre as fontes escritas e orais, e aos que insistiram em sua importância para reconstituir a história das classes populares, pouco preservada através de fontes escritas.⁽²⁾ Estas distinções e semelhanças devem, no entanto, ser ainda aprofundadas, não apenas em função de premissas teóricas, mas também a partir dos ensinamentos extraídos da prática dos programas de História Oral. E são alguns destes ensinamentos que pretendemos introduzir neste paper.

Podemos resumir as críticas e acusações formuladas contra a História Oral nos lugares em que debatemos o assunto,⁽³⁾ de seguinte maneira: 1. os protagonistas (e seus discursos) não se preocupam em constituir a verdade, mas em justificar e exaltar seus atos e interesses; 2. a História Oral é um discurso do presente sobre o passado, o que não ocorre nas fontes escritas. O presente distorce a reconstituição do passado; 3. as imprecisões, falhas e a seletividade da memória impedem ou dificultam a objetividade da

(2) IBID, ver também Luisa Passerini, "Genealogia della Storia Orale" in Vita Quotidiana e Cultura Materiale delle Classi Subalterne, Tonino, Rosernberg & Sellier, 1978. O primeiro programa de História Oral que se estabeleceu na América Latina foi, deste ponto de vista, o Instituto Nacional de Antropologia e História no México, coordenado por Eugênia Meyer, que realizava entrevistas com os camponeses sobre a Revolução Mexicana.

(3) Conferências no Museu Imperial de Petrópolis (1976), Universidade da Paraíba (1980), Ceará (1981), Universidade Federal Fluminense (1977), Universidade da Bahia (1985), Universidade do Paraná (1983), Universidade de S. Paulo (1982), Universidade de Brasília (1977), Minas Gerais (1983).

narrativa. Por razões ideológicas (e fisiológicas), esse tipo de fonte é pouco confiável ou impreciso.

Estes argumentos têm sido sistematicamente utilizados por professores e alunos, por conservadores e simpatizantes de esquerda, por leigos e eruditos que parecem ignorar que a objetividade é antes de mais nada uma construção do pesquisador a partir dos cânones e limitações de cada disciplina. Epistemologicamente falando, uma fonte oral é tão subjetiva e incompleta quanto uma fonte escrita.⁽⁴⁾

Cabe ainda argumentar com a necessidade de se considerar a História Oral, como um conjunto integrado e complementar de depoimentos, representativos do universo que pretende estudar. A História Oral não é, portanto, um depoimento isolado. Esta constatação nos levou a sugerir "a utilização sistemática de informações cruzadas e versões superpostas que podem tornar compatível a compreensão (verstehen) própria do depoimento oral com fidedignidade usualmente associada à documentação escrita". Concluindo, "este seria um recurso metodológico importante para delimitar a inevitável subjetividade de cada narrativa, segundo o princípio de que versões ideologicamente diversificadas tendem a neutralizar-se mutuamente."⁽⁵⁾ Da mesma forma, a técnica da bola de neve, recomendada por Bertaux, define no mesmo sentido um limite numérico ideal para o conjunto de entrevistas a serem produzidas.⁽⁶⁾

O caminho já percorrido não eliminou ainda as desconfianças que dominam a comunidade científica e que só serão abolidas quando esta jovem História Oral, que cada um utiliza e define ainda como melhor lhe convém, for obrigada a padronizar técnicas e procedimentos ainda sujeitos à prática aleatória de cada pesquisador. Esta busca de identidade que, por enquanto (e quando muito), se limita a equiparar a fonte oral à fonte escrita, poderá conduzir à passagem de um comportamento defensivo a um comportamento ofensivo que nos induza a discriminar os aspectos em que a fonte oral é original e em que revela sua contribuição específica.

A montagem do programa de História Oral do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e desenvolvimento de pesquisas com ele relacionadas nos permitem enfatizar algumas peculiaridades de fonte oral já apontadas, e insistir sobre outras que merecem aprofundamento. Em

(4) CAMARGO, Aspásia - "O Ator, o pesquisador e a História: Impasses Metodológicos na criação do CPDOC", Edson Nunes (or.) A Aventura Sociológica, Rio, Zahar, 1978. Ver também, "História Oral: Técnica e Fonte Histórica", na introdução do Programa de História Oral, Catálogo de Depoimentos, Rio, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 1981.

(5) CAMARGO, Aspásia (coord.), Eduardo Raposo, Sergio Flaksman, O Nordeste e a Política: Diálogo com José Américo de Almeida, Rio, p.4, Nova Fronteira, 1984.

(6) BERTAUX, Daniel, "From the Life History Approach to the Transformation of Sociological Practice" en Bertaux (ed.) Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences, Londres, Sage, 1981.

primeiro lugar, a H.O é uma fonte totalizante, constituída de documentos complementares e interligados, o que permite uma visão de conjunto (tanto através de um depoimento quanto de uma série de depoimentos) que dificilmente obteríamos a partir das fontes escritas. Isto significa que com a H.O. reduzimos os riscos da fragmentação do conhecimento, inerentes ao processo normal divisão do trabalho e de desenvolvimento da pesquisa científica.

Em segundo lugar, essa totalização se obtém de maneira singular, através do confronto entre a experiência vivida, e as indagações do pesquisador - entrevistador, que é o elemento ordenador das informações recebidas. Isto pode dar à fonte oral uma consistência que advém de seu caráter induzido ao invés de ser, como outras fontes, espontânea e errática.

Em terceiro lugar, as versões dos atores, - se, como veremos, se utiliza o método de história de vida, - se apresentam não apenas como ideologia mas ao mesmo tempo como praxis, isto é, como testemunha dinâmico da realidade social em movimento. Trata-se, por conseguinte, de uma fonte capaz de exprimir conflitos, contradições, práticas e valores sincronicamente e diacronicamente articulados. Mais do que reconstituir fatos, cabe ao pesquisador recuperar a lógica do funcionamento e da mudanças na estrutura social.

2 - O PROGRAMA DO CPDOC: Documentação e Pesquisa

Em 1975 iniciamos no CPDOC um programa entrevistando lideranças políticas que atuaram a partir da Revolução de 1930, dando origem a um período que ficou conhecido como a era de Vargas. Nossa intenção original era constituir um banco de dados em atualização permanente, séries históricas renováveis que hoje constituem um acervo de cerca de 2000 horas contidas em + de 200 entrevistas iriam, assim, enriquecer o acervo para o período recente. Outro objetivo, velado, era o de romper o cerco criado pelo longo regime autoritário-militar iniciado em março de 1964 e que a 15 de março de 1985 encerrará o seu ciclo. De fato, o regime militar pulverizara a memória do período populista que o precederá, tanto quanto este apagará a memória do período autoritário inicial que lhe dera origem. Ouvir "a voz do passado" parecia ser, portanto, a melhor maneira de entender a transformar um doloroso e problemático presente.

O passado começou a ser iluminado logo a partir das duas primeiras entrevistas, bastante complementares em suas informações sobre a Revolução de 1930 e suas origens. Com esses depoimentos, hoje já publicados em livro, foi possível desvendar a lógica de seis décadas de história brasileira⁽⁷⁾ estabelecendo relações entre o florianismo, militarismo populista que inaugura a República (1889), o tenentismo reformista dos jovens militares (1920/30), e o regime conservador-corporativo das décadas de 1960/70 que agora se encerra. Este fio condutor - entre outros que nos oferecem essas entrevistas - revelou de imediato a função relevante das entrevistas de longa duração, de roteiros flexíveis e abertos, como instrumento gerador de hipótese na área da sociologia histórica, graças à aproximação natural que se estabelece entre o passado e o presente.

Essas entrevistas comprovaram também a importância das fontes totalizantes em tal tipo de estudo, tendo em vista o amplo e ignorado universo de atuação e de reflexão dos entrevistados. Em países como o Brasil, de documentação desorganizada e historiografia incipiente, o seu papel é ainda mais relevante. O ensinamento que extraímos é de que cada vez que o historiador contemporâneo tiver que se defrontar com vastos continentes inexplorados - de fontes escritas inexistentes, fragmentadas ou inacessíveis - a História Oral poderá oferecer contribuição de valor inestimável.

A função desbravadora da História Oral ficou também configurada no Programa de História Oral da Ciência no Brasil, cuja riqueza de informações em campo ignorando excede em muito o primeiro livro baseado em entrevistas realizadas para este fim.⁽⁸⁾ Outros trabalhos sobre a história regional, os partidos políticos e o "tenentismo" se basearam igualmente no material bruto coletado a partir de séries de entrevistas de história de vida.⁽⁹⁾

Resumindo, o caráter totalizante da fonte oral se revela através da complementaridade, oposição e articulação internas do que poderíamos chamar de thematic continuities. A ênfase no timing e na dimensão de processo permite esclarecer a gênese político-social dos fenômenos históricos e a relação existente entre eles. Por isso mesmo, ao invés de reconstituirmos a história "oficial" das elites ou a tão temida "apologia dos grandes homens", conseguimos em

(7) As primeiras entrevistas-piloto foram feitas com José Américo de Almeida e Oswaldo Cordeiro de Farias, a primeira foi editada no livro já citado, e a segunda a consta do livro Meio século de Combate, Diálogo com Cordeiro de Farias, em colaboração com Walder de Goes, Rio Nova Fronteira, 1981. As demais entrevistas publicadas foram com Juracy Magalhães, coordenadas por Alzira Alves de Abreu, Minas Memórias Provisórias, Rio, Civilização Brasileira, 1982, e Aspásia Camargo, et.al. O Intelectual e o Político: Encontros com Afonso Arinos, Brasília, Ed. Don Quixote, 1984; e Aspásia Camargo et.al. Artes da Política: Diálogo com Amaral Peixoto, Rio, Nova Fronteira, 1986.

(8) História da Ciência no Brasil: Catálogo de Depoimentos, Simon Schwartzman (coord.), FINEP/CPDOC, 1984. Do mesmo autor: A Formação da Comunidade Científica no Brasil, FINEP, 1979.

(9) História da Ciência no Brasil: Catálogo de Depoimentos: Tenentismo e Forças Armadas na

realidade obter uma reconstituição ampla de estruturas em movimento, em um período de transição estrategicamente decisivo. Conseguimos recriar, de fato, uma história social da política.

A posteriori, talvez seja possível dizer que foi possível combinar ecleticamente no programa do CPDOC duas tradições opostas: a norte americana e a européia, a primeira acentuando uma concepção de História Oral como um banco de dados com a função pública de socializar para a comunidade acadêmica as informações recebidas; e a segunda, incorporando a lógica da pesquisa científica na indução, no processamento e na utilização dos dados criados por iniciativa do pesquisador. Neste caso, a interação entre documentação e pesquisa foi permanente. Como parte integrante do Setor de pesquisa do CPDOC a História Oral contou com a participação da equipe de pesquisadores e dos trabalhos monográficos que realizavam sobre o período. Da mesma forma, estes trabalhos se beneficiaram diretamente das informações fornecidas pelas entrevistas. Os pesquisadores externos ao CPDOC viveram também o mesmo processo. Apesar do enorme investimento na montagem do banco de dados temos hoje a confirmação de as informações oferecidas prestam relevantes serviços aos pesquisadores que nos dão em troca os dados devidamente processados em confronto com outras fontes além de entrevistas complementares às nossas, realizadas por sua própria iniciativa, e hoje depositadas no Setor de História Oral do CPDOC.

3 - A "transição" através de fontes orais e escritas

Nos últimos anos, pesquisadores do CPDOC tem se dedicado ao processamento do material obtido, seja através de pesquisas e teses, seja através da edição e publicação da íntegra das entrevistas. Nos trabalhos já publicados, e nos dois outros livros de entrevistas que estamos concluindo, ficou patente a riqueza do intercâmbio entre a fonte oral e a fonte escrita para desvendar o processo de transição em curso.⁽¹⁰⁾ Como é óbvio a realização das entrevistas sempre foi procedida de um exaustivo levantamento das fontes escritas disponíveis, grande parte delas em geral depositada no Setor de Arquivo do CPDOC.

(10) Entrevista em preparação: O Empresário na Política: Diálogo com Clemente Mariani.

As grandes entrevistas contaram também com documentação oral complementar, fornecida pelos chamados "informantes qualificados" que conheciam bem a trajetória da personalidade a ser entrevistada. Mesmo assim, muito do que ouvimos, como é natural, não teve comprovação imediata, sobretudo escrita. Nos casos acima citados o acesso a fontes escritas e arquivos pessoais se deu após o término da entrevista, em uma 2ª etapa de pesquisa, na fase de preparação do livro. Este confronto a posteriori permitiu na prática invalidar o estereótipo de que, por princípio, a fonte oral é traiçoeira e enganosa e a fonte escrita é objetiva e fidedigna.

Ficou, em geral, evidente que as duas fontes, de natureza diversas, tendiam a caminhar no mesmo sentido embora os dados de arquivos fossem mais minuciosos, fragmentados e detalhistas e a História Oral mais totalizante e impressionista. As avaliações eram mais complementares e mutuamente esclarecedoras do que excludentes. Nas questões embaraçosas e cruciais o protagonista mais omitia do que mentia. Inúmeras vezes, outros protagonistas se encarregaram de esclarecer, complementar e confirmar informações duvidosas, tornando-as, para nós mesmos, a partir daí, surpreendentemente convincentes e fidedignas.

Outras vezes, ficou evidente que diferenças de avaliação se originavam de diferenças de posição no campo do conflito, e que essas diferenças contribuíam para desvenhar tanto a lógica das oposições e alianças quanto o móvel e a natureza do conflito político. E ainda mais, contradições aparentes entre o discurso presente, oral, e as fontes passadas foram de fato o caminho aberto para aprofundar questões historicamente ambíguas e obscuras, muito mais do que a prova da "inferioridade natural" do discurso. Discurso falado sobre o documento escrito. Em duas teses recentes, já mencionadas a fonte oral detonou a investigação, em um segundo momento enriquecida, complementada e confrontada com as fontes escritas.

Se ao nível da micro-análise a História Oral passou pelo teste de fidedignidade, ao nível da micro-análise o discurso oral revelou sua capacidade de sintetizar com surpreendente economia de recursos um vasto painel político-social que, em nosso caso, permitiu fornecer uma visão sem precedentes do processo de transição de uma sociedade política tradicional para uma sociedade às voltas com os dramas e conflitos introduzidos pela modernidade. Destacou-se, por exemplo, de maneira panorâmica, porém convincente e rica - a avaliação do regionalismo como o motor da política stricto sensu; configurou-se fragilidade do sistema partidário e da articulação de interesses dentro do processo político; e ainda o baixo nível de

institucionalização do sistema político, bem como o papel do personalismo nas diferentes etapas de consolidação do Estado. Explicitou-se nesse contexto a relevância de que chamamos os Keyactors, isto é, de nossos protagonistas como indivíduos dotados de recursos políticos próprios. Ficou evidente que ao longo de décadas eles têm sido os substitutos funcionais de instituições cronicamente débeis.

Finalmente, foi possível decifrar a chave desses sucessivos conflitos através de um personagem central sobre o qual todos os atores entrevistados espontaneamente falaram, Getúlio Vargas, que aglutinou em torno dele os grandes conflitos do período: a oposição entre a vocação agrícola e industrial; entre o liberalismo conservador e o populismo autoritário-reformista; entre o alinhamento externo e o nacionalismo; entre a participação social e a participação política, em suma, entre a democracia sem progresso social e a progresso social sem democracia. A partir de diferentes versões descortinasam-se conflitos e paradoxos que nos permitiram entender melhor, a verdade que cada um nos dizia. A partir das ideologias, e mais além das ideologias - assistimos ao desenrolar do drama da modernização que ainda não o seu desfecho.⁽¹¹⁾

4 - O Suporte Metodológico : História Oral e História da Vida

A decisão preliminar foi a de utilizar o ator como suporte social das decisões, estruturas e processos ao invés de reconstituir acontecimentos de duração limitada e de alcance mais restrito. Ao invés de uma série de entrevistas fragmentadas em torno de acontecimentos diversos preferimos intuitivamente a realização de longas entrevistas com um mesmo ator, através do qual se articulariam os demais atores em uma sucessão articulada de acontecimentos ("thematic continuities").

Tendo em vista o reduzido número de membros e a baixa rotatividade de nossas elites este caminho significou, de fato, reconstituir a experiência sociológica dos atores que durante seis décadas comandaram a política. O método de história de vida surgia assim como o suporte ideal para fazer valer aquele princípio de totalidade que, como vimos, maximiza as virtualidades da fonte oral.⁽¹²⁾

(11) Avaliação feita pelo biógrafo de José Pessoa, Hiram Câmara, que utilizou fontes escritas e orais no primeiro esboço, foram utilizados documentos de arquivos e na versão definitiva foram compiladas entrevistas pelo projeto "Marechal José Pessoa".

(12) Os relatos de Afonso Arinos e de Clemente Mariani, que foram adversários históricos de Getúlio Vargas, complementadas pelos relatos de Cordeiro de Farias, José Américo e Juracy Magalhães, que foram em diferentes ocasiões colaboradores e opositores de Vargas. Finalmente, existe o relato pró-Vargas de Amaral Peixoto. No entanto, estes diferentes relatos coincidem em vários

A posição relevante do ator no curso da História era a garantia de que a sua versão seria um elemento significativo da própria estrutura.

Posteriormente, a história de vida revelou outras vantagens visíveis. Tecnicamente, facilitava a abordagem inicial da entrevista, estimulando a cumplicidade e a empatia entre entrevistado antes que temas controvertidos se introduzissem no curso da entrevista. Permitia ainda que os acontecimentos narrados fossem hierarquizados segundo a lógica do participante, em contraste muitas vezes com a ideologia do historiador ou da historiografia ainda incipiente. Alguns acontecimentos, como a "Constituinte de 1934" ou a "Segunda Guerra Mundial", adquiriram importância sociológica imprevista enquanto outros, como o "Club 3 de Outubro", que reuniu os revolucionários de 1930, revelaram a sua precariedade como eventos políticos. Em suma, ao invés de ser o sujeito - o elemento ordenador do discurso histórico, - o acontecimento passou a ser o objeto entre outros objetos a ser ordenado.

A história de vida foi um recurso seguro e prático para aproximar o ator e o pesquisador da almejada objetividade. E isto pela constatação óbvia de que o caminho é mais rico, confiável e pródigo, quando o discurso individual se refere àquilo que quem o produz melhor conhece: a sua própria vida.⁽¹³⁾ A objetividade, nesse sentido, tem a ver com a recuperação da temporalidade do fato social; com a organizidade das informações recebidas cujo eixo natural é o ator e não algo artificialmente externo a ele. A organicidade da informação facilita também o controle dos dados recebidos que podem ser conferidos à medida em que se articulam diante do pesquisador como em um jogo de encaixes. Quando uma dissonância aparece no contexto de uma história de vida específica, sua presença funciona como o detonador de novas indagações que revelam o sentido da ação e o conteúdo das representações e ideologias que a justificam. Finalmente, a história de vida permitiu a articulação quase perfeita entre o nível diacrônico e o sincrônico, isto é, entre a descrição das relações sociais e os processos que as levam gradualmente a transformar-se - ou a não transformar-se - ao longo do tempo. Ambos os níveis se revelam, no entanto, a partir dos tópicos de uma mesma biografia, ou de uma série de biografias.

(13) Luisa Passerini, op.cit. ressalta a importância do princípio de totalidade, enquanto Franco Ferrarotti defende o significado da dialética nas análises de História de Vida. "On the autonomy of the Biographical Method", Bertaux, op.cit.

Outro recurso metodológico importante, que amplia as potencialidades positivas do documento oral, é o da abordagem interdisciplinar como meio de recuperar o princípio de totalidade presente nos fenômenos sociais. Procuramos sempre que possível reconstituir antropologicamente detalhes da vida familiar e escolar; da rede de relações sociais de grupos e sub-culturais; das cumplicidades e das práticas da vida quotidiana do ator político.

Da História extraímos o velho ensinamento que obriga a reconstituir o quem? por que? e quando? isto é, as datas e descrições pormenorizadas de pessoas ("agentes sociais correlatos") e fatos através dos quais podemos discriminar o que é singular e o que é repetitivo na vida dos homens. Esses elementos nos fornecem hoje uma reconstrução dos personagens e dos acontecimentos significativos das seis últimas décadas, graças à interseção de histórias de vida.

O perfil das principais lideranças se contruiu a partir de conjunto de relatos espontâneos que permitiu, com riqueza surpreendente, a recomposição de personagens de grande relevância histórica, como foi o caso do líder nordestino José Américo de Almeida, este material, fornecido por terceiros, foi explorando como ponto de sua própria narrativa e anexado e analisado em seu livro de entrevistas. O resultado deste trabalho foi o confronto triangular entre o relato na primeira e na terceira pessoas, realizado pelo pesquisador, e corrigido e enriquecido pelas informações dos arquivos. Os relatos sobre Vargas ajudaram também a realizar estudo sobre sua trajetória carismática e as diferentes funções arbitrais que exerceu ao longo da vida.⁽¹⁴⁾ Estudo recente, explorando a totalidade do acervo, tratará de reconstituir os grandes momentos de sua atuação política usando única e exclusivamente relatos de entrevistas.⁽¹⁵⁾ Nesses estudos, ficou mais uma vez evidente que as naturais omissões de um informante eram oportuna e complementamente compensadas pelas revelações de outros.⁽¹⁶⁾

Nos roteiros de entrevistas foi central a contribuição da Ciência Política e da Sociologia, formulando indagações sobre instituições e práticas político-partidárias, processo eleitoral e sistema decisório. E ainda questões sobre as origens sociais, socialização, conflitos geracionais, regionais, etc. O timing lento da análise orientou, com as devidas adaptações, o fluxo das narrativas de história de vida. Roteiros cronologicamente estruturados foram intercalados por incursões espontâneas pelo passado, seguindo sua

(14) CPDOC -Catálogo de História Oral.

(15) Op. cit. introdução de CAMARGO, p.13.

(16) Aspásia Camargo, "Charisma and Political Personality: Vargas, from Conciliation to Machiavellianism", LASA, México, outubro, 1983.

lógica própria. É que, como dizia Riobaldo, personagem do grande clássico de Guimarães Rosa:

"A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. Assim eu acho, assim eu conto. Tem horas antigas que ficam mais perto da gente do que outras, de recente data."(17)

Ou, como nos diz Borges: "la memoria está hecha en buena parte de olvido".(18)

Daniel Bertaux e Dentzin tem insistido, com justa razão, que a literatura tem contribuído mais na reconstituição e na compreensão da vida social do que as chamadas disciplinas científicas.(19) É certo que se os historiadores tem rejeitado a informação oral, temerários de sua carga emotiva, o mesmo não o fizeram os grandes clássicos ao longo dos séculos. A riqueza dramática das tragédias gregas reside justamente na ousadia de confrontar no mesmo palco as diferentes versões de personagens, cada um diante de uma verdade imperecível e irreduzível.

William Faulkner e Garcia Marpels, milênios mais tarde, buscaram por outros caminhos, também relativizar a verdade seguindo o mesmo processo.(20)

(17) Valentina da Rocha Lima(Coord.) Getúlio, Uma História Oral Rio, Record,1986.

(18) Relatos gravados sobre a crise dos anos 50 que culminou com o suicídio de Vargas, e sobre os golpes e contra-golpes de 1955 são o melhor exemplo, junto com a reconstituição do golpe de 1937 com o qual Vargas inicia seu período ditatorial.

(19) João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, Rio, 1984 (16a ed.) p.92.

(20) Jorge Luis Borges, "El Tiempo", en Borges, Oral, Buenos Aires, Emecé Editora Editorial Belgrano, 1982,p.86.